

# Inventivas e panegíricos na Antiguidade Tardia: as duas faces de uma mesma moeda

*Invectives and panegyrics in Late Antiquity:  
the two faces of the same coin*

FLOWER, R. *Emperors and bishops in Late Roman Invective*.  
Cambridge: Cambridge University Press, 2013. 294 p.

**Daniel de Figueiredo\***

---

Recebido em: 28/09/2015  
Aprovado em: 29/10/2015

O presente trabalho de Richard Flower<sup>1</sup> trata do uso da técnica das inventivas, particularmente a inventiva imperial romana, escritas por três bispos cristãos nas décadas centrais do século IV d.C.: Atanásio de Alexandria, Hilário de Poitiers e LúCIFER de Cagliari. A partir dos textos selecionados *História dos Arianos* (Atanásio), *In Constantium* (Hilário) e *Moriundum esse pro dei filio* (LúCIFER), o autor busca identificar a possibilidade não apenas de se extrair desses discursos uma avaliação do poder imperial naquele contexto, mas, também, entender os modos pelos quais os membros do episcopado buscaram angariar autoridade e poder perante suas comunidades e além delas a partir de técnicas retóricas pré-existentes que foram adaptadas àquele contexto específico de conflito político-religioso.

O gênero literário denominado de inventiva, que pode ser considerado o outro lado da moeda do panegírico, foi utilizado de forma individual por aqueles três bispos de orientação nicena para atacar a autoridade do imperador ariano Constâncio II, acusando-o de herdeiro dos reis ímpios, perseguidor e herisiarca. Ao mesmo tempo, aqueles autores apresentavam-se, nos seus próprios textos, como imitadores e sucessores de figuras reverenciadas do passado cristão. Essa estratégia retórica teve por finalidade mostrar a adesão dos autores aos modelos de autoridade cristã.

---

\* Doutorando em História Antiga pela Unesp/Franca sob orientação da Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

<sup>1</sup> Lecturer in the Department of Classics and Ancient History, University of Exeter.

O argumento que perpassa o trabalho de Flower é que as inventivas daqueles três autores têm sido objeto de estudo sobretudo pelos argumentos teológicos que embasam as tentativas de construção de uma ortodoxia cristã. O autor afirma, ainda, que a historiografia tem dado pouca atenção a essas peças discursivas, diminuindo-as como trabalhos polêmicos de menor importância. Flower, por outro lado, tenta demonstrar que elas constituíram poderosas armas durante aqueles debates teológicos, pois funcionaram, também, como habilidosas peças de construção de identidade e autoridade dos autores. A leitura cuidadosa das representações que aqueles três bispos fizeram de si indica que os artifícios retóricos empregados contribuíram significativamente para a posterior percepção daqueles membros do episcopado como heróis da ortodoxia (p. 7-8).

Flower indica que os métodos de louvar e culpar que foram utilizados em panegíricos e inventivas da Antiguidade Tardia eram altamente tradicionais, permanecendo reconhecidamente categorias retóricas comuns à linguagem do poder imperial. Contudo, os três bispos alteraram o alcance dos *exempla* utilizados comparativamente nas descrições dos imperadores e de si próprios, substituindo a literatura clássica pelas Escrituras cristãs. Logo, através das inventivas selecionadas, percebe-se que aqueles bispos combinaram assuntos e *exempla* que eram deliberadamente cristãos junto com técnicas e propósitos que estavam enraizados firmemente na tradição literária clássica. Assim, os textos daqueles três autores exemplificam como a *paideia* clássica foi combinada com um vocabulário cristão na tentativa de construção da realeza cristã. Ao mesmo tempo, tais escritos funcionavam como peças de propaganda dos próprios autores, que buscavam afirmar poder e autoridade no ambiente de instabilidade em que operavam (p. 19). Para demonstrar esse papel vital que a inventiva política romana desempenhou naquele contexto, Flower estrutura seu trabalho em quatro capítulos, bem como apresenta, ao final da obra, sob a forma de Apêndices, as traduções de alguns textos utilizados na pesquisa.

No Capítulo 1, *Praise and blame in the Roman world* (p. 33-77), Flower examina o funcionamento das estratégias retóricas que existiam no mundo romano para avaliação do governo imperial e a partir dessa análise tenta iluminar o contexto cultural no qual as inventivas produzidas contra o imperador Constâncio II foram escritas. O capítulo destaca a importância da retórica no relacionamento entre as elites educadas, que pode ser demonstrada pelo uso da tradição clássica nos panegíricos, inventivas e manuais de retórica produzidos na Antiguidade Tardia. No que se refere aos panegíricos, o autor indica o papel que eles desempenharam na vida cerimonial do Império Romano e na construção das expectativas públicas em torno das qualidades e ações dos imperadores. Aquelas orações foram vitais para a construção da imagem de um imperador ideal, que poderia

ser remodelada de acordo com circunstâncias e propósitos individuais. Flower destaca, nessa seção, que tanto o panegírico quanto a inventiva funcionavam como um importante meio de representação do poder. Aquelas duas formas discursivas criavam e recriavam um paradigma imperial. De um lado, o panegírico buscava destacar o imperador como personificação do poder imperial e a inventiva como sua antítese. Ele exemplifica essas disposições através das descrições hagiográficas do imperador Constantino feitas por Eusébio de Cesareia e das discussões das virtudes e vícios imperiais por Lactânio, ambos nos anos iniciais do século IVd. C. Esses trabalhos teriam representado uma tendência para os ataques polêmicos de Atanásio, Hilário e Lúçifer contra o imperador Constâncio II.

O Capítulo 2, *Constructing a Christian tyrant* (p. 78-126), enfoca as transformações operadas em relação às inventivas clássicas para incorporar conteúdos cristãos e criar novas referências de comportamento imperial. Flower observa que o tema dominante nas inventivas dos três bispos era a falta de piedade de Constâncio II. Desse modo, esse imperador passa a ser comparado aos primeiros perseguidores do judaísmo e cristianismo a partir de exemplos extraídos das narrativas bíblicas e da história do Império Romano. Esse novo método de avaliação de um imperador cristão, porém adepto de uma forma de cristianismo diversa da dos três bispos, mantinha as técnicas dos panegíricos e inventivas clássicos juntamente com as características celebradas nas construções tradicionais do ideal imperial. Entretanto, essas características anteriores passam a ser combinadas a comparações bíblicas a partir de uma hierarquia de virtudes. Assim, Flower percebe que se reescrevia a linguagem da ideologia imperial, mantendo-se a gramática e a sintaxe, mas com a imposição de um vocabulário diferente. O resultado dessa mescla foi a emergência de uma nova retórica que era reconhecidamente romana e distintivamente cristã, pois criava um novo tropo literário que combinava, na figura do imperador Constâncio II, o tirano, o perseguidor e o herético.

No Capítulo 3, *Writing auto-hagiography* (p. 127-177), Flower explora o papel adicional das inventivas na construção das imagens públicas daqueles três bispos. O objetivo foi o de agregar autoridade perante os leitores e ouvintes. Similarmente, mas trabalhando de forma isolada, os três bispos usaram suas narrativas para, ao mesmo tempo, retomar o tema da perseguição contra os cristãos sob os auspícios de Constâncio II, construindo, a partir disso, novas imagens para o imperador e para si próprios. Depois de explorar o uso das referências bíblicas utilizadas pelos autores, Flower destaca o principal arquétipo empregado por aqueles três bispos na autoconstrução das suas imagens: o confessor cristão – aquele indivíduo que havia confessado sua fé diante de um funcionário imperial pagão. Logo, ao se compararem aos mártires das perseguições dos três séculos precedentes, os bispos almejavam agregar às suas imagens toda a carga simbólica de autoridade que vinha embutida nessas comparações.

O Capítulo 4, *Living up to the past* (p. 178-219), no seu todo, explora os modos pelas quais aqueles bispos apresentavam o relacionamento entre seus próprios trabalhos e os textos sagrados, quebrando não apenas a barreira entre o passado bíblico com os seus próprios, mas também o golfo entre seus escritos e a suprema autoridade das Escrituras. Desse modo, esse capítulo vai além dos aspectos polêmicos das inventivas de Atanásio, Hilário e Lúçifer contra Constâncio II para captar as representações que eles criavam no relacionamento entre os cristãos e os textos de autoridade do passado. Flower examina o papel que a utilização da literatura bíblica desempenhou na criação das genealogias ortodoxa e herética, com a finalidade de associar aqueles autores a figuras reverenciadas do passado cristão e ligar seus inimigos aos sucessores dos pagãos, judeus e à longa lista dos reconhecidamente tidos como heréticos. Essa estratégia de rotular inimigos com grupos amplamente condenados tratou-se de uma importante característica das disputas político-religiosas na Antiguidade Tardia. Isso visava construir seus inimigos como imitadores dos antigos heréticos que já haviam sido separados da ortodoxia através de palavras da autoridade das Escrituras, ao mesmo tempo que construíam genealogias paralelas e positivas para si próprios. A finalidade era a de recriar uma estrutura de autoridade para aquelas disputas por autoridade e poder.

Ao final da obra, na seção intitulada *Epilogue* (p. 220-229), Flower faz um balanço para reforçar as considerações traçadas nos capítulos anteriores. Ressalta que, nos ataques desferidos a Constâncio II, aqueles bispos extraíram os métodos retóricos de representação que apareciam regularmente nos manuais e panegíricos dos cerimoniais cívicos e imperiais. Aqueles trabalhos constituem as primeiras inventivas sobreviventes contra um imperador romano vivo e, desse modo, podem fornecer outro ângulo sobre o estudo da autoridade e representação imperial na Antiguidade Tardia. As técnicas literárias de caráter depreciativo empregadas pelos três autores foram inculcadas por meio incontáveis modelos que circularam amplamente, sobretudo os trabalhos de escritores clássicos como Cícero e Demóstenes. As inventivas, portanto, eram a imagem espelho dos panegíricos, construídas através do mesmo material, descrevendo o perfil familiar, vícios, crimes e ilustradas com *exempla* retirados do passado bíblico em que diferentes elementos poderiam ser enfatizados, dependendo das características do sujeito e dos propósitos de quem escrevia. Para Flower, as inventivas merecem ser colocadas junto aos panegíricos no estudo do poder político imperial romano, seja através dos ataques daqueles três bispos, na poesia condenatória de Claudiano ou nas descrições de tirania presentes nos *Panegyrici latini*.

Isso porque, as inventivas tinham um papel fundamental não apenas para permitir indivíduos e comunidades se distanciarem de um regime passado, mas também

reformular a imagem de um imperador exemplar no sentido de criticar a de outro. Desse modo, ambos, panegírico e inventiva, construíam um paradigma imperial que reconheciam o seu cumprimento no governante atual. Nesse sentido, as inventivas contra Constâncio II buscavam deslegitimar o governante no sentido de moldá-lo como um perfeito tirano. Enquanto a imagem de um imperador ideal era mutável nas mãos de oradores habilidosos, reformulada incansavelmente para atender a contextos individuais, os ataques contra Constâncio representaram uma maior transformação da linguagem de poder. Os bispos que escreveram aqueles trabalhos construíam uma retórica polêmica e explicitamente cristã, reescrevendo os critérios para o emprego de muitos dos padrões de legitimidade política. Em certo sentido, aqueles textos ainda olhavam para os modelos clássicos, empregando muito dos padrões de técnicas dos panegíricos e inventivas, portanto não eram uma forma de literatura estranha. Trabalhavam dentro daquela tradição, mas retrabalhando-a para seus próprios propósitos. Desse modo, os autores se posicionavam como representantes de uma elite que poderia se identificar e condenar o exercício impróprio do poder. Operando dentro da estrutura conceitual aqueles bispos foram capazes de descrever Constâncio II como o oposto do novo ideal de imperador e assim argumentar que, como os apóstatas e os perseguidores, ele era indigno para ocupar o poder imperial. Ao mesmo tempo, os textos serviam para criar uma percepção da ilegitimidade do poder imperial de Constâncio II bem como constituíam ferramentas de autoridade dos próprios autores.

O que se pode extrair do trabalho de Flower é que a documentação textual produzida na Antiguidade Tardia que alcançou os nossos dias é, quase sempre, caracterizada por uma alta carga retórica, polêmica e propagandística. A leitura desses documentos pelo historiador requer, além do domínio do contexto em que foram produzidos, uma acurada compreensão das estruturas textuais das diferentes formas discursivas que foram utilizadas para fins diversos pelos autores. Nesse sentido, o livro de Flower explora de forma minuciosa a documentação e dá prosseguimento a uma série de estudos que, desde a década de 1990, têm se preocupado em lançar novas perspectivas acerca das estratégias utilizadas pelos membros da hierarquia eclesiástica em busca da afirmação de um discurso cristão que se pretendia ortodoxo, sobretudo durante o século IV d.C., ambiente em que coexistiam várias formas de cristianismos. O autor vem, desse modo, agregar contribuições relevantes a outros trabalhos da historiografia recente que trataram desse complexo tema.<sup>2</sup> O livro é altamente recomendado aos leitores acadêmicos interessados na temática da afirmação do discurso cristão na Antiguidade Tardia.

---

<sup>2</sup> Dentre alguns desses trabalhos, citamos Cameron (1991; 2014) e Carvalho (2010).

---

## Referências

- CAMERON, A. *Christianity and the Rhetoric of Empire: the development of Christian discourse*. Berkeley: University California Press, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Dialoguing in Late Antiquity*. Washington: Harvard University Press, 2014.
- CARVALHO, M. M. *Paideia e retórica no século IV d.C.: a construção da imagem do imperador Juliano segundo Gregório de Nazianzeno*. São Paulo: Annablume, 2010.